



Mulheres que manejam plantas medicinais: caracterização de uso e tipos em comunidades camponesas na microrregião bragantina

Women who manage medicinal plants: characterization of use and types in peasant communities in the Bragantina microregion

DE MELO, Meury da Silva¹ PILLETTI, Edileuza Amoras²

¹ Instituição, email@provedor.com.br; ² Instituto Federal do Pará, edileuza.pilletti@ifpa.edu.br
email@provedor.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Estudo com mulheres agricultoras que utilizam plantas medicinais, cujo objetivo foi descrever o conhecimento e as práticas locais de manejo das plantas medicinais pelas mulheres da microrregião Bragantina, visando compreender as relações quanto ao cuidado da saúde. As plantas medicinais nas comunidades pesquisadas são muito importantes no tratamento de doenças para grande parte da população, e, numa perspectiva da agroecologia, a mulher é a guardiã da saúde da família, para elas cuidar de algum doente se torna um processo quase natural. Os procedimentos metodológicos se deram por meio da pesquisa-ação participativa com visitas às comunidades para observação e participação nas atividades das mulheres. Foram realizadas entrevistas e encontros com grupos de mulheres nos quais fez-se aplicação de questionários e diversas atividades coletivas. Identificou-se saberes a respeito de plantas que são utilizadas para tratar doenças infecciosas e parasitárias. Constatou-se que o uso das plantas medicinais para alguns usuários das comunidades tratadas tem relação direta com as dificuldades de acessar as políticas de saúde, e que as erveiras, parteiras, ou benzedadeiras são as opções mais acessíveis. Evidencia-se que é necessário que esta prática receba atenção dos gestores de saúde pública para garantir o uso dessas plantas de modo seguro para essas populações, visto que muito se tem perdido dos conhecimentos empíricos. Algumas mulheres persistem no trabalho da produção de remédios caseiros, na resistência de manter os saberes de seus antepassados e promover a saúde na sua comunidade.

Palavras-chave: saúde; agroecologia; ervas medicinais; comunidades.

Introdução

A proposição deste estudo trata da microrregião Bragantina no estado do Pará, possuidora de uma grande área de manguezal e caracteriza-se pela diversidade de ecossistemas: praias, baías, costões, manguezais, restingas, ilhas, recifes, falésias, estuários, brejos. A pesca, o extrativismo do caranguejo e a agricultura são fortemente observáveis no cotidiano como uma prática predominantemente masculina. Tais atividades movem a dimensão econômica do território. Assim, essas populações têm sua vida econômica, social e cultural intimamente ligada à flora e à fauna, aos ciclos lunares, sazonais e de marés.



Porém, encontra-se também uma atividade intensa no manejo das plantas e ervas medicinais, movimento estritamente feminino, mas que não se reflete na dimensão cotidiana do trabalho e, conseqüentemente, econômico. O manejo de plantas medicinais é atividade desenvolvida nos vários ambientes deste território, regidas pela dinâmica natural dos diversos recursos biológicos encontrados nestes ecossistemas (SANTOS et Al, 2018). O presente estudo se propõe fazer uma caracterização dos tipos e usos das plantas medicinais e dos conhecimentos transferidos de uma geração para outra, proveniente do uso das plantas medicinais. Para o campo agroecológico ir até as raízes culturais de grupos sociais que operam sistemas cognitivos próprios, desocultam modos de vida que se baseiam em sustentabilidade social, econômica e ecológica. Vincular tais modos de vida ao enfoque agroecológico contribui para o enfrentamento e resistência ao crescente processo de mercantilização de práticas tradicionais que englobam saberes ancestrais. Os diversos referenciais teóricos examinados para esse estudo apontam a mulher como detentora do conhecimento e saberes específicos obtidos na relação com as plantas e repassados via oralidade entre gerações. (GOMES e LIMA, 2017; MOTA et al, 2011; PINHEIRO et al, 1996; PINTO, 2008; RICARDO, 2011).

Os estudos citados pressupõem que a aproximação da mulher com o manejo das plantas medicinais está relacionada com seu estreito relacionamento familiar. Cada vez mais a mulher tem sido a figura de referência no cuidado da saúde da família e da comunidade, por ser considerada a guardiã dos conhecimentos que perpassam por gerações e que lhe asseguram a habilidade de cultivar, manipular, e empregar o uso das plantas medicinais para alívio dos mais diferenciados sintomas referidos por aqueles que lhe cercam (SILVA, 2018).

Diante do exposto definiu-se então como objetivo geral e específicos desta pesquisa Descrever o conhecimento e as práticas locais de manejo das plantas medicinais pelas mulheres da microrregião Bragantina visando compreender as relações quanto ao cuidado à saúde. Buscou-se conhecer aspectos do conhecimento ecológico local, saberes e práticas de manejo das plantas medicinais empregadas pelas mulheres e como tais aspectos influem diretamente nas questões socioculturais da saúde popular; Caracterizar as plantas medicinais mais comuns no uso cotidiano das mulheres por meio de um ensaio sobre as tipologias, formas de organização da produção e sua aplicabilidade e, Identificar as redes de transmissão geracional do conhecimento, saberes e práticas de manejo das plantas medicinais.

Os sujeitos do presente estudo foram mulheres agricultoras, de comunidades rurais. Inicialmente buscou-se uma mulher que representasse o seu município, que fosse indicada pela população de origem; ter experiência no manejo das plantas medicinais, ter o domínio do conhecimento de seleção das plantas, parte utilizada, suas propriedades terapêuticas, conhecer suas indicações e modo de uso. Em visita as comunidades três senhoras foram indicadas como representantes primárias a partir das quais foi se estruturando os trabalhos em grupos. D. Luíza, 92 anos, da comunidade Buçú município de Augusto – Corrêa; D. Luzia, 87 anos, da comunidade chumucuí km 04 do Montenegro município de Bragança; D.Maria Almir, 54 anos, da comunidade Vila Nova, município de Tracuateua.



Metodologia

O estudo foi qualitativo, baseado em Haquete (2013) que aponta a pesquisa qualitativa como aquela que proporciona trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Trata-se também de um estudo do tipo exploratório e descritivo (TRIVIÑOS, 2008) diz que dentre os diversos tipos de pesquisas qualitativas, o tipo exploratório e descritivo é um dos mais relevantes, pois pretende apresentar o objeto profundamente e, nessa abordagem, há riqueza de detalhes resultantes das diversas técnicas de pesquisas que são utilizadas com vistas a retratar a realidade de forma ampla.

Nos procedimentos metodológicos foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionário, encontros, dinâmicas, oficinas e a roda de conversa. O tipo de entrevista aplicado foi entrevista aberta e semiestruturada, que segundo Minayo (2009, p. 64) “combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

A entrevista semiestruturada consistiu em um roteiro com questões que deram suporte a este estudo e que foi possível mapear as plantas e suas características etnobotânicas. O questionário foi aplicado durante as oficinas visando elaborar um perfil de quem são os sujeitos da pesquisa. Os itens do questionário incluem questões abordando aspectos sociais (ocupação, escolaridade, moradia, características da família). Também foram levantadas as condições de saúde e doença da entrevistada e da família, e investigação dos parâmetros de assistência farmacêutica que as condicionam tais como acesso a medicamentos e uso de plantas medicinais.

O uso de oficinas é uma estratégia advinda da Educação Popular que busca alcançar de forma eficiente um número de pessoas com técnica de fácil compreensão. Segundo Spink, Menegan e Medrado (2014)¹ as oficinas como estratégia de pesquisa tem sido largamente utilizadas em programas de prevenção e promoção na perspectiva da saúde coletiva, nos CRAS – Centro de Referência de Assistência Social e em outros contextos onde se buscam formas participativas de mobilização social.

Resultados e Discussão

Conforme informado foram três municípios da região bragantina estudados. Para efeito de identificação, alguns resultados serão grafados com A referindo Augusto Correa; B referindo Bragança e T referindo Tracuateua.

A análise dos dados seguiu-se com o foco nos conhecimentos locais de manejo, com a caracterização e o uso das plantas medicinais e a relação com o cuidado à saúde. Como também as formas de transmissão desses conhecimentos. A faixa etária dos participantes variou de 11 a 92 anos. Observou-se que a faixa etária de

¹ Spink, Menegan e Medrado. Revista Psicologia e Sociedade. Oficinas como estratégias de Pesquisa. P. 32-43 (2014)



30 a 40 é predominante seguida da faixa etária de 40 a 50. Com a maior idade em 92 anos e em T a menor idade 11anos.

Referente ao uso de remédios caseiros, segundo os informantes, em A 90% usam esses remédios e 10% não usam. Em B 89% usam e 11% não usam. Já em T 96% usam e somente 4% não usam. Quando questionadas sobre quem faz os remédios caseiros utilizados, identificou-se que com maior frequência são feitos pelos próprios usuários no seguinte percentual: em A 55%, em B 71%, e em T o percentual é de 88%. Observa-se que em Tracueteua ainda é forte o uso doméstico das plantas medicinais para o tratamento da saúde pessoal.

Quanto a seleção e identificação das espécies vegetais citadas foram caracterizadas botanicamente com base nos dados publicados na literatura científica. Disso resultou uma tabela elaborada a partir de dados levantados no campo e daqueles constantes na literatura. Totalizando uma relação de 135 plantas citadas, dessa relação, cinco plantas não foram identificadas nos referenciais estudados (andiroba jaroba, pau de cavalo, infectrin, meracilina e espada de Joana Darc).

Os tipos de preparo e os sistemas do corpo humano tratado com uso das plantas foram identificadas diversas maneiras de preparação dos remédios, variando de acordo com as espécies e objetivos de tratamento. Em A 32% usam no preparo de chá, 32% banho, 21% xarope, 13% garrafada, 1% tintura e 1% outras formas; Em B 27% no preparo de garrafada, 26% chá, 20% banho, 19% xarope, 4% outras formas, 2% tintura e 2% cataplasma; Em T 34% no preparo de chá, 20% garrafada, 20% xarope, 11% banho, 6% tintura, 5% outras formas, 2% emplastro, 2% pomada. Nas obras de Biazzi (1992 e 2014), a autora afirma que esses modos de preparo são eficazes para a cura de doenças.

Conforme a crença de muitos informantes a reza é uma forma de cura do corpo e da alma, faz-se o uso das plantas com o ritual de reza e através da fé são aliviados do que eles afirmam ser doenças do ar ou doenças de espírito (mal olhado, encosto, quebranto), ou as doenças bravas que para eles é a isipa (erisipela), mãe do corpo, cobreiro e fogo selvagem. A associação da fé nos processos de cura foi fortemente referida no estudo de Freitas (2015), na comunidade Tamatateua em Bragança-PA, para os usuários de plantas medicinais daquela comunidade a fé é elemento indispensável para garantir um resultado eficaz.

Outro dado relevante é a informação sobre as categorias de adoecimento frequentemente mencionadas. As principais categorias quanto ao número de citações foram transtornos dos sistemas: digestório, reprodutor, respiratório e urinário com destaque para as doenças infecciosas e parasitárias. Apontamos que por se tratarem de um largo número de indicações desses males, necessitam de estudos mais aprofundados, pois provavelmente essas categorias são culturalmente importantes para referenciar políticas públicas para a saúde local.



As redes de transmissão geracional do conhecimento, saberes e práticas apresentam significativos percentuais de transmissão familiar: em A 65% dos participantes responderam que foram influenciados por familiares, 20% por tradição, 9% por amigos e 6% por outros. Em B 74% por familiares, 16% por tradição, 6% por outros e 4% por amigos. Já em T 77% por familiares, 11% por amigos, 8% por tradição e 4% por outros. Há registros sobre a transmissão de uma geração para a outra, Jesus (1992) construiu sua obra com dados advindo dos conhecimentos de comunidades tradicionais, com o intuito de contribuir na preservação desses conhecimentos.

Em Tracuateua é evidente que a influência para a prática do uso das plantas medicinais é predominante no ambiente familiar e que os saberes são repassados principalmente pelas mulheres mais idosas, Freitas (2015), também constatou dados semelhantes em sua pesquisa. Nas propriedades visitadas estão por toda parte as diferentes formas de cultivar as plantas; em vasos, hortas, canteiros suspensos (jirau)², como elas costumam chamar. Silva (2018), ao fazer seus estudos percebeu a alegria e a simplicidade entre os sujeitos que pesquisou ao criarem suas instalações de cultivo, afirmando que essa ação de cuidar do local e as formas de cultivar é capaz de fortalecer o processo cultural do plantio das plantas medicinais.

Conclusões

Nos municípios estudados existem mulheres que carregam consigo domínio de saberes extraordinários é um campo de estudo minucioso, essas mulheres precisam ser melhor reconhecidas diariamente pelos profissionais de saúde que foram inseridos em suas comunidades. Precisa haver preparo e aproximação dos agentes condutores das políticas de saúde nas comunidades com os cuidadores da saúde da população dessas comunidades que cumprem esse papel ali por gerações, estreitando continuamente o diálogo com o interesse de fortalecer os conhecimentos desses povos.

Fortalecer essas práticas é considerar que esses povos são livres e que podem continuar vivendo sem precisar se desfazer de sua real identidade. Assim terão um verdadeiro incentivo para a permanência no seu local de origem onde se sentem confortáveis para viver, e as comunidades não ficarão desassistidas enquanto se estende o reclame pela falta de médico, e a escassez de medicamentos.

Pode-se afirmar que entre muitos da população rural a busca pela erva, benzedeira ou parteira foi e continuará sendo primária, principalmente aqueles que vive longe da cidade onde não há hospital nem farmácia ou não possui o poder monetário para conseguirem comprar os medicamentos. As plantas medicinais são facilmente encontradas em praticamente todas as residências visitadas, embora nem todas as mulheres saibam para que servem e nem como usar, são profundas as lembranças dos canteiros das bisavós, avós, ou mesmo das mães, de como elas plantavam e conheciam cada planta, sabiam sua utilidade e o modo certo de usar. O

² Espécie de grade de varas sobre esteios, fixados no chão (BECHARA, 2011).



estudo despertou o interesse de conhecer como usar as plantas que cultivam como faziam seus antepassados.

Foi perceptível que dentro da comunidade há respeito, reconhecimento e imensa gratidão às mulheres erveiras, principalmente quando se tem a perda daqueles que carregam consigo o domínio do saber.

Em geral, observou-se a preferência de muitas mulheres de cuidar da saúde com uso das plantas medicinais, mas infelizmente também houve relatos de morte de mulheres com câncer de mama e do colo por obter o diagnóstico tardio. São indicadores que essas populações devem ser melhores assistidas em suas necessidades específicas de saúde, a Política Nacional de Plantas Medicinais E Fitoterápicos dá ênfase ao uso seguro das plantas medicinais, mas precisa se tornar uma realidade no meio desse povo que mantém essa tradição fortemente na microrregião bragantina.

Referências bibliográficas

BIAZZI, Eliza **O segredo da Saúde: dicas práticas para evitar e tratar doenças**. 1. ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

CANÇADO, Octaviano Francisco Lemos; BZUNECK, Paulo Tadeu **Biologia: os vegetais**. Curitiba: Gráfica e Editora Posigraf, 2006.

FREITAS, Aila de Carvalho; **O uso de plantas medicinais: uma perspectiva etnobotânica em Tamatateua – resex marinha caeté –Taperuçu, Bragança Pará**. Bragança, 2015.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota – **Metodologias qualitativas na sociologia** / Teresa Maria Frota Haguette, - 14. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SANTOS et al. **Mulheres e o resgate do conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais no Nordeste Paraense**. Caderno de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol.13, N° 1, Jul/2018.

SILVA, Antônio Waldeir Oliveira da; **Conhecimento tradicional, cooperativismo agroecológico e o bem viver de agricultoras e agricultores familiares em Primavera (PA)**. Bragança, 2018.

PINHEIRO e et al. v. 49, n. 4, p. 511-518 out. /dez. 1996

Pinto, Lucianna do Nascimento. **Plantas medicinais utilizadas por comunidades do município de Igarapé Mirim, Pará Etnofarmácia do município de Igarapé Mirim – PA** / Lucianna do Nascimento Pinto. _____ Belém: PPGCF/UFGPA, 2008.

Ricardo, Letícia Mendes. **O uso de plantas medicinais na medicina popular praticada em assentamentos do MST do estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o SUS**. / Letícia Mendes Ricardo. Rio de Janeiro: s.n., 2011.

SILVA, Antônio Waldeir Oliveira da; **Conhecimento tradicional, cooperativismo agroecológico e o bem viver de agricultoras e agricultores familiares em Primavera (PA)**. Bragança, 2018.



DAROLT, Moacir R. **As dimensões da sustentabilidade**: um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba, Paraná. 2000. 310 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal de Paraná, Curitiba, 2000.